DEBATES FEMINISTAS
um intercâmbio filosófico

Juliele Maria Sievers
Professora do Departamento de Filosofia da UFAL

O livro *Debates feministas: um intercâmbio filosófico*, cuja publicação original data de 1995, mas que apenas recentemente foi trazido à língua portuguesa, em 2018, apresenta uma perspectiva que transmite, talvez inadvertidamente, aspectos da própria natureza do movimento feminista, em suas várias facetas. Isso porque parece que o objetivo comum às autoras, em vez de estabelecer um marco conceitual paradigmático ou um corpo teórico específico, é realizar, como indica seu título original, um exercício teórico, ou seja, um *philosophical exchange*: uma troca dinâmica de considerações acerca de alguns dos elementos constitutivos que marcam as trajetórias de cada uma das quatro autoras envolvidas, a saber, Seyla Benhabib, Judith Butler, Drucilla Cornell e Nancy Fraser.

BENHABIB, Seyla et al. *Debates feministas:* um intercâmbio filosófico. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Esses elementos teóricos constitutivos abarcam noções advindas de diversos campos: o social, o cultural, o filosófico, o político e o econômico, sendo essa pluralidade uma marca fundamental também da própria teoria feminista: o discurso do feminismo existe dentro desse espaço heterogêneo, multifacetado e, algumas vezes, contraditório, de criticismo, e é por essa razão que cabe aproximá-lo ao contexto do

pós-modernismo, no qual as concepções canônicas de humanidade, homem e sujeito são repensadas com a ajuda das concepções de gênero, sexismo, patriarcado, empoderamento, papel social, e, sobretudo, a partir da notória compreensão de que as mulheres, de fato, "APRENDEM a se adaptar a uma noção determinada de feminilidade que é por si mesma um PRODUTO" (HUTCHEON, 1989, p. 26) de representações culturais e históricas.

O livro representa as repercussões, em cada autora, do encontro real ocorrido entre elas no Consórcio Filosófico da Grande Filadélfia, em 1990. Cabe aqui apontar o atraso com o qual essas discussões chegam ao público brasileiro, havendo ainda o fato de que, frente à publicação original, que acontece em 1995, Judith Butler já indicava que sua contribuição lhe parecia, de certo modo, ultrapassada. A autora também aponta diversas lacunas nas discussões realizadas, como a questão da diferença racial nos debates feministas atuais, justificando, portanto, que de nenhuma maneira aquela deveria ser encarada como uma obra "definitiva" sobre a teoria feminista, tal como pode ser articulada contemporaneamente.

Assim, quanto à estrutura do livro, cada capítulo representa uma fala nesse encontro de 1990, seguido das respostas frente às reações de cada autora às suas apresentações. Mesmo se as autoras possuem abordagens autônomas e focos distintos em suas carreiras, pode-se dizer que cada contribuição converge para o tema do pós-modernismo, em maior ou menor medida e por meio de abordagens mais ou menos favoráveis, dada a própria vagueza do termo.

Benhabib toma como norteador o aspecto cultural do contexto pós-moderno e tenta mapear o que poderia ser válido para o feminismo em relação à noção revisada de subjetividade oferecida pelo pós-modernismo. Como preservar as noções de subjetividade e emancipação, caras ao movimento feminista, diante dos bordões de "morte do homem", "morte da história" e "morte da filosofia"? A ligação da autora com a tradição da "teoria crítica" lhe fornecerá então meios para lidar com os princípios que – de maneira mais forte ou mais fraca – acabam caracterizando o pós-modernismo e possibilitando a manutenção dos seus pressupostos filosóficos, de modo a garantir uma política emancipatória.

Com Butler, o sujeito não se encontra mais diante de um contexto externo, mas é ele mesmo constituído através de "formações de poder/discurso". Com esse novo panorama, o pós-modernismo e sua busca pela destruição do sujeito são colocados de frente à tentativa de, justamente, alcançar-se a subjetividade feminina em

meio a um terreno histórico e cultural de exclusão. Quais os resultados políticos dessa apropriação subjetiva feminina, e como articulá-los com o contexto pós-moderno? Esses questionamentos surgem como uma espécie de provocação a partir das colocações de Benhabib.

É pelo posicionamento de Nancy Fraser que veremos uma resposta a ambas as inquietações, na medida em que a autora, primeiramente, busca amenizar o teor dado por Benhabib a elementos como "morte da história" ou "morte da filosofia". Fraser defende uma perspectiva menos drástica a respeito das polarizações entre a teoria crítica de Benhabib e o pós-estruturalismo de Butler. A autora encara a filosofia como um discurso mais destacado de uma realidade social histórica situada, e que serve, portanto, a uma crítica social mais ampla, de modo a preservar um sujeito capaz de crítica sem que o outro sujeito do discurso seja silenciado.

Já com o ensaio de Drucilla Cornell, adicionado à coletânea após o término do simpósio, parte-se para o âmbito da ética, tratando ele de como encontrar uma relação com o Outro em termos de não violência e de inclusão, – numa postura aberta que busca ressignificar o feminino dentro do espectro das relações entre formas de vida. Cornell busca em autores como Lacan uma leitura que possibilite uma ressignificação do feminino, ressignificação esta que logo vemos ser impedida pela abordagem psicanalítica, o que mostra mais uma vez as dificuldades teóricas de legitimação da empreitada feminista, mas cuja pertinência se justifica por indicar o "desenvolvimento de uma abordagem ao trabalho da cultura que nos permite mergulhar nas profundezas de nossa forma de vida, em vez de apenas deslizar sobre a superfície".

Para cada um desses quatro ensaios, são então apresentadas réplicas por cada uma das autoras, e é este o ponto em que a proposta do livro realmente se desvela. Se, durante a leitura desta segunda parte, custa, por vezes, acompanhar a linha argumentativa das autoras durante a dinâmica de asserções seguidas de réplicas – seguidas estas, por sua vez, de indicações de uma má compreensão, gerando assim uma modificação nos termos iniciais –, é justamente esse elemento dinâmico que atesta a relevância e a pertinência do pensamento feminista como pensamento filosófico por excelência, principalmente quanto a seus aspectos argumentativos, interpretativos, críticos (de correção e revisão) e, sobretudo, os de caráter aberto e não dogmático.

Ao final da leitura, o horizonte de problemáticas abertas parece muito mais vasto que o de respostas acordadas. Assim também

é o terreno de batalhas das teorias do pensamento feminista, em que tanto já foi feito em tão pouco tempo, mas em que tanto há ainda a ser discutido, avaliado, conceitualizado e vivenciado. Com as discussões traçadas, adquire-se um vislumbre do panorama feminista atual, ao mudar-se o foco da abordagem filosófica para fora da tradição histórica marcada pela pressuposta autoridade masculina, muitas vezes claramente hostil à presença feminina, e onde é possível então observar, também, uma possibilidade de abordagem que, justamente por estar "deslocada", reflete uma visão vigorosa e original da figura feminina frente ao seu tempo e em seu espaço teórico e de agência. Trata-se, mais do que isso, de uma perspectiva "vertiginosa" de fora desta "torre de marfim" que é o cânone filosófico, e que o observa a partir desse afastamento forçado e o compreende, portanto, de um ponto de vista crítico, ainda que ao mesmo tempo construtivo e dialógico. O livro *Debates feministas* é certamente um excelente instrumento para o exercício desse tipo de visão.

REFERÊNCIAS

BENHABIB, Seyla et al. *Debates feministas*: um intercâmbio filosófico. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

HUTCHEON, Linda. Feminism and postmodernism. In: TESTAFERI, Ada (Ed.). *Donna:* women in Italian culture. Ottawa: Dovehouse Editions, 1989. p. 25-37.